

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
REDACTOR PRINCIPAL — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — CARLOS MARIA COELHO

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO III—Número 884
Domingo, 9 de Outubro de 1921
PREÇO 5 CENTAVOS

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha-Lisboa—Telefone 5339
Officinas de impressão—Rua da Ataláia, 114 e 115

Prenda-o mais curto, sr. ministro do interior!

— O amigos governantes, ó ministros republicanos anti-clerical! Sabeis que lá por Viana do Castelo anda um padre, disfarçado em administrador de concelho, a escoicear e a zurrar? Pois é verdade e nós vamos contar a história.

Formou-se há tempos em Viana um Centro Comunista. O intuito dos seus componentes era fomentar a instrução, como provam as seguintes bases do seu programa que gostosamente transcrevemos:

Base 6.ª — O Centro criará logo que a situação financeira lhe permita: Atual de Esperança, Francês, Inglês, Português, Física e Desenho. Criará também orfeões infantis e de adultos, corpo cénico e diversos desportivos.

Base 14.ª — O Centro propõe-se conseguir autorização para visitar: Museus, Fábricas, Oficinas, Ruínas e Jardins, sempre na companhia de técnicos, para as explicações indispensáveis.

Base 15.ª — O Centro promoverá excursões de recreio e propaganda pelo país e manterá correspondência e relações com Centros e Bibliotecas, Escolas livres e científicas do país e do estrangeiro.

Este programa claro, de intuídos alevantados e nobres, entusiasma alguns intelectuais, que sabendo encetar a sua missão, que é difundir a instrução, se prontificaram em organizar aulas de História, de Literatura, de Línguas, etc.

O facto de esses homens frequentarem o Centro Comunista, a fim de espalhar a luz bemfazeja da instrução, não implicava concordância, da sua parte, com as ideias libertárias que os sócios daquele Centro professavam. Pelo contrário, ocasiões houve em que certas conferências dos professores foram contraditadas com lealdade, com delicadeza, pelos comunistas.

O sr. Júlio de Lemos, secretário da Câmara Municipal, secretário perpétuo do Instituto Histórico do Minho e correspondente de vários jornais, foi um dos que generosamente tomou a seu cargo algumas das aulas que o Centro abria. Também os srs. Tílio da Mota, ex-secretário da administração do concelho e fundador da Cruz Vermelha em Viana do Castelo, o António de Miranda, funcionário público, exerceram naquele Centro a sua missão divulgadora da instrução.

Pois — o digam lá se os reaccionários não pretendem manter o povo na ignorância? — o dr. Félix Manso quando foi administrador de concelho dissolveu o Centro, sob o pretexto deste fazer perigo a ordem pública. Dissolveu — e ficou por aqui.

Mas o padre Cardoso, o jesuíta que exerce actualmente o cargo de administrador do concelho, entendeu que a questão não devia ficar por ali. O seu ódio a republicanos, socialistas, sindicalistas e anarquistas é conhecido e notório. Só o governo é que não o notou; só o governo é que não tem visto os protestos que este jornal tem dado à estampa contra o jesuíta.

O padre Cardoso deu o primeiro coice quando retirou da venda, em Viana, os livros de ciência e sociologia que A Batalha para lá enviara. E tam estreito o critério do jumentinho que chegou a proibir a venda do Quo Vadis?

O último coice do padre que anda por lá, pela bela cidade do Minho, a rédea solta, como um burro que pasta, foi o mover pelo cartório do 5.º officio, escriptura Costa, um processo contra os srs. Júlio de Lemos, António Miranda e Tílio da Mota — sabem para quê? — para apurar se estes homens, que toda a gente sabe que não professam ideias libertárias, são ou não bolxevistas!...

Protege ao mesmo tempo, o padre sabra, depois do Centro ter sido dissolvido há tanto tempo, quem frequentava as aulas, que livros lá existiam, que diziam os dedicados professores, onde moravam os alunos, etc., etc., etc.

Ora isto são proteções revoltantes, que não podem deixar de passar sem o protesto unânime dos homens conscientes.

Este caso interessa directamente as colectividades intelectuais, como sejam os organismos dos professores, as Universidades Populares, a Seara Nova e outras. Não poderão estas admitir que um padre qualquer, que considera o Quo Vadis um livro imoral, persiga os homens cultos que desejam ensinar o povo!

E, para terminar, lembramos ao ministro do interior o perigo que corre o transeunte desconfiado em atravessar as ruas de Viana enquanto a alimaria estiver à solta.

Prenda-o mais curto, sr. ministro!

António Miranda

Estradas — O ministro do comércio foi informado pela repartição competente que desde 1918 até hoje se tem gasto na construção, reparação e conservação de estradas a insignificante verba de 7.400 contos! Todos os que tem viajado através do país tem constatado que as estradas estão num estado deplorável. A conservação das estradas cifra-se na conservação do seu mau estado. A reparação essa também existe, porque um exército de funcionários está recebendo vencimentos para reparar — que elas precisem de reparação.

Agora, da construção das estradas ninguém pode duvidar. Já acham exagerado talvez 7.400 contos para estradas, quando neste país elas quasi não existem?

Pois, não tem razão. A perseverança daqueles que, para devararem a verba consagrada a estradas, construíram habilmente uma estrada, que os conduziu ao orçamento, não vale 7.400 contos?

De mal a pior — A direcção da P. S. E. foi entregue ao capitão médico sr. Costa Ferreira. O novo chefe vai reorganizar a sob-forma inteiramente diferentes das actuais. Em primeiro lugar a P. S. E. deixará de fazer prisões.

Isso então é uma policia ideal — comentariam alguns leitores.

Seria também esse o nosso comentário se de facto a P. S. E., que vai deixar de electuar prisões, não fosse exercer uma função mais desagradável.

A referida policia passará a ser composta por agentes ignorados por todos, que exercerão uma actividade espionagem em todos os meios sociais. Esses espíões fazem depois denúncias das pessoas que devem ser presas — e então uma policia ordinária, vulgar de Linneu, se encarrega dessa função.

Singulares meios usa o Estado para se segurar. Necessita de recrutar delatores para viver. Como tudo isto está edre!

António Miranda

Crónicas de Hamon

A questão do próximo Oriente

As séculares preocupações da politica britânica

O desejo de possuir as estradas cujo terminus são os lugares de eleição para os capitalistas mundiais é a chave que abre o livro dos segredos dos acontecimentos, tento de ontem como hoje. E' o farol que esclarece estes acontecimentos, os quais se explicam facilmente não só nas suas aparências mas também na sua realidade.

Toda a politica britânica nestes últimos anos tem sido condicionada pela preocupação de possuir as vias de comunicação para a Ásia oriental e meridional.

Se a Gran-Bretanha arrastou a Europa Occidental tal contra a Revolução Russa Bolchevique foi porque teve em mira a desagregação do Império Russo para se apoderar económica e politicamente das províncias do Báltico e do Cáucaso. E com isto tinha por fim, no Báltico, apoderar-se do ponto de partida das vias de comunicação que no Cáucaso formam o ponto de junção com as do Mediterrâneo através da Ásia Menor.

O centro destes caminhos, pela formação da Polónia em estado independente, fugiu ao domínio russo. Mas a Gran-Bretanha depressa compreendeu que estava em formação um império central, que, sob a direcção do capitalismo dos magnates rurais e do capitalismo internacional dos jesuitas, os dominadores da igreja católica ainda tam poderosa na Polónia, viria em breve a ser uma força considerável e antagonista do seu próprio capitalismo. Então opôs-se energicamente a que Dantzig fosse polaco, a fim de não conceder a Polónia o ponto de partida das tam cubigadas vias de comunicação. E para contrabalançar a grandeza que parecia erguer-se, sob a égide da politica francesa, nas mãos dos reaccionários e da igreja católica, abandonou por um lado a ideia de abater a revolução bolchevique, e por outro voltou a sua ideia de apoiar a Alemanha pan-germânica contra o pan-polonismo.

A edificação dum novo Santo Império Romano no centro da Europa, senhor por Varsóvia, Munich, Viena, Budapest dos cruzamentos dos caminhos para o Oriente meridional europeu e portanto para a Ásia, para o norte asiático e extremo oriente, não lhe era de feição. Mais valia então negociar com Lenine e apoiar o capitalismo alemão. Por esta forma se chocavam num conflito multiforme os capitalistas britânico e francês — porque este último tem sido, e continua a ser o pilar poderoso sobre o qual assenta toda a politica dos jesuitas, todo este sonho de reconstrução dum

Santo Império para possuir os caminhos e explorar o mundo defendendo ao mesmo tempo a marcha incessante, lenta ou rápida, progressiva ou por saltos, segundo os momentos do progresso humano, para mais liberdade e democracia e menos autoridade.

Para possuir os caminhos para a Índia a politica britânica esforça-se por se apoderar da Mesopotâmia por um lado, e por outro de todo o mundo árabe. Porisso o ponto terminus dum dos caminhos para a Índia, o Golfo Pérsico é hoje um lago inglês, enquanto que o caminho terrestre através da Índia está nas mãos da Gran-Bretanha estabelecida na embocadura dos rios.

Pelos mesmos motivos a politica britânica apoia o Sionismo, esforçando-se pela criação duma república judia na Palestina. Deste modo criava uma pequena potência gravitando na órbita britânica, que lhe asseguraria uma parte do caminho que parte do Mediterrâneo.

Com toda a habilidade a Gran-Bretanha se instalou em Constantinopla, mas a Sicília e a Siria fugiram-lhe porque teve que tomar em conta os appetites capitalistas franceses. Resolveu então apoiar os appetites gregos com o seu dinheiro e a sua força moral, manobrando com os gregos pela forma que os franceses tinham manobrado com os polacos. O jogo é e era o mesmo e o fim idêntico.

É com este mesmo objectivo, a Gran-Bretanha investiu lentamente o Egipto, pretendendo transformar o Mar Vermelho num lago britânico pelo posse dos portos, do canal de Suez e de Aden.

A conquista das vias de comunicação tem hoje tanta maior importância quanto indispensável se torna para as vias aéreas de estações de aterrisagem e de abastecimento de combustivel.

Constata-se portanto que a questão do próximo Oriente se estende e se ramifica nas suas causas, e nos seus meios. A lei sociológica da solidariedade, equivalente da mesma lei em biologia, mostra-se-nos em plena luz, e da mesma forma a complexidade dos factores dos acontecimentos entrelaçam-se e encadeiam-se por vezes em intricáveis teias de causas e efeitos.

Augustin Hamon.

C. G. T.

Comissão organizadora da conferencia ferroviária

Os membros da comissão organizadora da conferencia intersindical ferroviária devem reunir amanhã, pelas 20 horas, devendo a esta reunião comparecer os delegados confederais que foram a linha em serviço de propaganda da referida conferencia.

OS NEGROS AGITAM-SE

A raça está acima da politica

Apesar dos manejos dos traidores a consciência revolucionária — a única benéfica e eficaz — continua a afirmar-se

As últimas reuniões pan-negras, em Paris, também se realizaram na Rua Branca.

Ontem excozumos o que se passou na sessão da manhã. Agora vamos relatar os principais factos ocorridos na assembleia que se efectuou no mesmo dia 4, à noite, na sala clara-escura, de paredes matizadas de fantásticas alegorias e pontos de cores que vão do negro-ebano, até ao branco-marfim, da falada Associação dos Engenheiros Civis da França.

O aspecto da sala — Os congressistas são negros e luzidios. E o mais que depois se lerá

O esplendor deslumbrante das luzes, faz realçar a multidão sinistra e sombria dos congressistas, constituída de homens brancos, pretos e mulatos, salpicada aqui e acolá de mulheres de faces negras, vibrantes e luzidios, como o melro de Junqueiro, de mulheres de faces de brancura de jaspe e de mulheres morenas — nem brancas, nem pretas.

Os traços característicos das duas raças imprimem-se ali: narizes chatos, lábios espessos e vermelhos como a carne viva, cabelos encarnapinhados, narizes afilados, jábios, finos, cabelos loiros e negros como os pretos.

A nove e meia horas Mr. Diagne assume a presidência, fazendo-se rodear na mesa presidencial por Mr. Gratieu Condance, deputado de Guadalupe, Mr. Jadhava, representante de várias agrupações da Índia Inglesa, Mr. Logan, secretário intérprete do Congresso e Mr. Dantes Belgrade, representante do governo de Haiti.

O primeiro orador a subir à tribuna é Mr. Felicien Chailley, delegado do «Bureau International pour la Défense des Indigènes» que chama a atenção dos congressistas para a situação dos indígenas da África Equatorial Francesa.

A raça negra tem inúmeros inimigos: ministros, parlamentares, jornalistas, influentes, banqueiros, industriais, comerciantes, agricultores...

A seguir, define nos seguintes termos a sua posição no movimento internacional africano:

«Não há dúvida que é uma árdua tarefa a nossa luta pela emancipação integral da raça negra, porque tem por adversários: ministros, parlamentares, jornalistas, influentes, militares, banqueiros, industriais, comerciantes e agricultores, todos homens de fabulosas fortunas, conseguidas até à custa da vida de muitos milhares de negros trabalhadores».

Defende depois com calor a orientação anti-política secreta do Bureau International pour la Défense des Indigènes, que acima de tudo se preocupa com os interesses e direitos dos indígenas.

A acção desse bureau apoia a sua decidida campanha contra os detractores da raça negra, em importantes organismos, como Anti-Slavery and Aborigines Protection Society, Deutsche Gesellschaft für Eingeborenenschutz, Società Anti-Schiavista D'Italia, etc.

Termina Mr. Chailley as suas considerações por proclamar que «os governos coloniais e seus serventuários obram na sombra. Livremos os negros do perigo branco».



O CRISTO MODERNO

Rebeldias

Os operários da construção civil

Esta secção — Rebeldias — foi feita para a gente dar berrão de revolta, para dizer ao leitor que não estamos contentes, que damos, exaltados, punhadas formidáveis sobre a banca de trabalho, que nos rebelamos, enfim, contra a sociedade capitalista em que vivemos.

Esta secção — Rebeldias — foi criada especialmente para nós, por intermédio duma prosa violenta, mal criada e encolerizada, fazermos perceber ao leitor que as injustiças da república são tam grandes, que, meus amigos, nos tirariam a vontade de comer, se o preço desmedido dos gêneros não se encarregasse dessa tarefa.

Eu teria garantido aqui neste momento pragas tam obscenas contra a desonestidade dos politicos, contra as arbitrariedades dos governos e ainda contra todos os negócios escuros, incluindo o dos 50 milhões, que é bem claro, se por feliz acaso o sr. Mayer Garção, sempre optimista, não me dissesse:

«A República está no coração do povo. Solenisa-la é festa-lá. Vive entre música e perfumes. E que o espirito popular tem intuições supremas, e uma delas é que a República há de ser necessariamente a paz, a harmonia, a grandezza, a felicidade da Pátria».

Vá lá a gente ter frases coléricas, escrever Rebeldias, depois de ouvir o sr. Mayer Garção... Um homem não é de pau...

Mário DOMINGUES

Ver na 3.ª página o nosso folhetim

A revolta da carne

Diagne pretende vencer adulando Du-Bois. Este não lhe liga nenhuma — Reclama-se a igualdade absoluta de direitos para todos os homens

Mr. Brugard Du Bois é quem sucede a Mr. Felicien Chailley na tribuna.

Mr. Blaise Diagne, antes de dar a palavra ao orador, declara à assembleia: «vai falar um homem de alta cultura, que dedica à defesa da causa dos negros todo o seu ardor, que pode, às vezes, ser excessivo, mas que é sempre sincero».

«O nosso programa — começa Mr. Du Bois, indiferente aos elogios de Diagne — o nosso programa politico americano pode ser resumido assim: igualdade das raças, igualdade absoluta de direitos, isto é, reconhecimento à raça negra dos mesmos direitos — imediatamente — das outras raças».

E fazendo alusão aos elogios de Mr. Diagne acrescenta Du Bois: «o que tenho a dizer hei-de dizê-lo custe o que custar e doa a quem doer».

Du Bois diz das boas — Os representantes no parlamento é que nunca libertaram as raças. A emancipação destas depende delas próprias

Qua ido — prossegue Du Bois — em 1919 tive a ideia de realizar um congresso internacional da raça negra, se me dirigiu aos srs. Caudance e Diagne e vim à França depois, foi apenas por considerar útil o concurso da França Negra e necessário trazer à mesma França o concurso dos negros da América.

Quizemos fazer o nosso 1.º congresso na França Europeia, porque fez mais por nós do que outros povos, mas não nos iludimos, porque conhecemos a situação do Congo, tal como a acaba de expor Mr. Chailley e sabemos muito bem que o preconceito das raças ainda domina na França, cujas liberdades não aproveitam todos os negros.

«O representante de Haiti, com o seu discurso, fez-me recordar que não foi a França quem deu liberdade ao Haiti, mas sim, o próprio Haiti que por suas mãos a conquistou. E ainda nos fez recordar que, quando os Estados Unidos se apoderaram do Haiti, não foi a França dos negros que se levantaram com as armas na mão para lutar heróicamente pela libertação da sua terra conquistada».

Vós tendes franceses representantes no Parlamento? Vós tendes, portugueses, representantes no Parlamento? Nós os americanos também já os tivemos na Câmara Alta, mas conquistámos tal representação sem traíções à causa da nossa raça».

Em favor de Zacco e Vanzetti

O proletariado da Europa, principalmente da Itália, tem organizado já várias manifestações de protesto contra a injusta sentença de morte pronunciada pelo tribunal de Boston contra os militantes operários italianos Sacco e Vanzetti.

Nos Estados Unidos, representantes do proletariado da América, também se manifestaram em favor dos dois italianos.

Em França, os operários também se manifestaram em favor dos dois italianos.

Em Portugal, os operários também se manifestaram em favor dos dois italianos.

Em Espanha, os operários também se manifestaram em favor dos dois italianos.

Em Grécia, os operários também se manifestaram em favor dos dois italianos.

Em Turquia, os operários também se manifestaram em favor dos dois italianos.

Em Persia, os operários também se manifestaram em favor dos dois italianos.

Em China, os operários também se manifestaram em favor dos dois italianos.

Em Japão, os operários também se manifestaram em favor dos dois italianos.

